



NAYARA BATISTA DE MACÊDO MIZAE LIRA

**PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS EM ENFERMAGEM SOBRE
VIOLÊNCIA NO AMBIENTE DE TRABALHO HOSPITALAR**

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo científico apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Enfermagem no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof.^a Ms. Renata de Paula Faria Rocha.

BRASÍLIA

2015

Agradecimentos

A Deus por ter me iluminado durante toda a minha trajetória e me dado sabedoria para enfrentar os momentos difíceis.

A minha orientadora Renata de Paula Faria Rocha por toda paciência, dedicação carinho e contribuição na elaboração dessa pesquisa.

A todos os meus familiares, por compreender a minha ausência e em nenhum momento duvidar da minha capacidade.

Mãe, você é guerreira e me ensinou a ser assim também. Tio, você me mostrou que nunca é tarde para recomeçar e buscar sempre mais. Amo vocês.

Ao meu filho Thierry, por cooperar nos momentos de estudos e entender do seu jeitinho a importância de realizar esse sonho, me incentivando com abraços apertados e sorrisos no rosto ao dizer que eu iria conseguir ser enfermeira. Mamãe te ama muito!

Ao meu maravilhoso esposo Alex Bauer, que me deu muita força, foi paciente e demonstrou sabedoria e dedicação durante todo esse trajeto. Te amo!

A todos os meus colegas de curso, que compartilharam desses cinco anos de graduação, as amizades que fiz e pelas que permanecerão, mesmo com o término desse projeto.

E a todos os outros que participaram direta ou indiretamente dessa etapa na minha vida, muito obrigada.

Percepção dos graduandos em enfermagem sobre violência no ambiente de trabalho hospitalar

Nayara Batista de Macêdo Mizael Lira

Renata de Paula Faria Rocha

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a percepção dos graduandos em enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior (IES) sobre a violência no ambiente de trabalho hospitalar. Trata-se de um trabalho descritivo, transversal e exploratório com abordagem quantitativa, em que foi aplicado um questionário a 51 graduandos de enfermagem que estão em estágio ou são funcionários de instituições de saúde. Os resultados obtidos por meio desta pesquisa demonstraram que a maioria dos entrevistados não tem uma percepção adequada sobre o tema ou, por se tratar de um assunto polêmico, preferiram não emitir suas opiniões. A violência está cada vez mais elevada no local de trabalho, portanto, faz-se necessário a inserção de protocolos que possam proteger e resguardar o profissional de enfermagem tanto nos aspectos relativos ao seu trabalho com pacientes quanto nas suas relações interpessoais com os demais profissionais.

Palavras chave: Violência; Enfermeiros graduandos; Profissionais de Enfermagem.

The perception of nursery undergraduates about violence in hospital work environment

ABSTRACT

The perception of nursery undergraduates about violence in hospital work environment

The objective of this study is to analyze the perception of nursery undergraduates of an Institution of Higher Education about violence in hospital work environment. It is a descriptive, transverse and exploratory study which comprises of the analysis of a questionnaire of quantitative, transversal and analytical approach. Such questionnaire was completed by nursery undergraduate students who work as interns or who are hospital employees. The results gathered by this research show that the majority of the interviewees do not have a clear perception about the topic or, due to its controversial aspect, preferred not to say their opinions. Violence is increasingly high in the work environment; therefore, it is important to carry out protocols that protect the nursery professionals, either relating to aspects proper of their work with patients or to their interpersonal relations with other professionals.

Keywords: Violence; Nurses graduate students; Nursing Professionals.

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho está cada vez mais competitivo devido à quantidade de pessoas disponíveis para atuar nos diversos segmentos profissionais, o que torna o processo de seleção de pessoal cada vez mais competitivo, influenciando na sobrecarga horária e na demanda exagerada de produção, atingindo o estado emocional desses profissionais, que se tornam mais expostos a sofrerem algum tipo de violência no trabalho. Qualquer ambiente institucional está sujeito a algum tipo de violência, facilitando o suposto adoecimento dos funcionários (CARAN et al., 2010).

Algumas características que fazem parte do cotidiano do profissional da saúde demonstram à alta carga de estresse que este sofre, como por exemplo, superlotação, sobrecarga de trabalho, escassez de material, déficit de funcionários, entre outros. Isso mostra o quanto os profissionais de enfermagem ficam expostos à violência ocupacional, seja cuidando de pacientes agressivos, seja por colegas de trabalho ou por usuários que acabam usando estes trabalhadores como "alvos" do seu descontentamento com o serviço por estarem mais próximos (prestando o primeiro atendimento) (VASCONCELLOS, ABREU, MAIA, 2012).

Segundo Fontes, Pelloso, Carvalho (2011):

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano, psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

A violência verbal, conhecida como *mobbing* é um ato de alta complexidade, onde o agressor utiliza palavras para humilhar e menosprezar a parte agredida regularmente e por um período longo de tempo. A parte agredida não tem recursos suficientes para comprovar que sofreu alguma agressão durante o seu período de trabalho e somente alguns profissionais tiveram a percepção dos danos psicológicos, que afetam a saúde do agredido como um todo, trazendo o adoecimento precoce e apresentando sintomas como o aparecimento de dor crônica, problemas digestivos, cefaléia, depressão, distúrbios alimentares e transtornos mentais (VIEIRA et al., 2009).

A violência física consiste no ato ou tentativa de atacar o próximo usando a força física ou objetos que provoque lesões internas ou externas. O agressor ameaça a vítima com arma de fogo (revólver), arma branca (faca) ou instrumentos agressivos (perfuro cortantes) (GADONI-COSTA, ZUCATTI, DELL'AGLIO, 2011).

A violência sexual (assédio moral) é definida quando o agressor faz insinuações verbais ou físicas do ato sexual mediante ameaça de demissão, perda de promoção, gestos obscenos, ou a própria exposição do órgão genital. O ato em si, não ocorre em público, o agressor busca alternativas para ficar sozinho com a vítima e, quando consegue, comete o assédio sexual. Baseado na cultura e no padrão social, homens se sentem no poder de manifestar seu desejo sexual por uma mulher como comprovação da sua masculinidade, ultrapassando os limites éticos e na tentativa de manter o controle sobre a vítima usam o autoritarismo para se beneficiar de acordo com suas vontades sexuais (DIONÍSIO, 2010).

No Brasil, a quantidade de boletins de ocorrência que são abertos por profissionais de saúde é muito inferior se for comparado à quantidade de violência sofrida dentro da sua área de atuação, poderia ser um número bem mais elevado, mas em busca de evitar conflitos e discussões maiores no ambiente de trabalho, e até mesmo ameaças fora do seu local de trabalho, muitos preferem permanecer sem prestar queixas sobre o ocorrido no momento de trabalho ou pensam que ao prestar queixa, só iriam piorar a situação e não obter nenhum retorno, ou seja, nenhuma mudança, gerando somente mais ira no agressor e conseqüentemente mais ataques (ILHA; LEAL; SOARES, 2010).

O mais esperado diante de toda situação de violência é que os profissionais de saúde mantenham postura e ética profissional diante do agressor e caso a situação esteja muito petulante, os profissionais podem optar em resolver o problema pessoalmente, com uma conversa franca, na busca de cessar os ataques durante o seu período de trabalho (FONTES, PELLOSO, CARVALHO, 2011).

A equipe de enfermagem acaba se tornando vítima de um sistema de saúde precário, onde os profissionais de saúde se sentem desvalorizados por não almejar o reconhecimento do seu esforço e trabalho e acabam suportando a situação devido às necessidades básicas do cotidiano. O funcionário agredido perde a "vontade" de trabalhar, sintoma típico no caso de quem sofre violência diversificada frequentemente (VASCONCELLOS, ABREU, MAIA, 2012).

Nesse contexto o objetivo do presente estudo é conhecer e relatar a percepção dos graduandos de enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior (IES) acerca da violência no ambiente de trabalho hospitalar.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi submetido à análise bioética junto ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP-UNICEUB), respeitando integralmente os dispositivos expostos junto à resolução de número 466/2000, relacionada às “diretrizes e normas regulamentadoras em pesquisa utilizando seres humanos” e aprovado sob o parecer número 843.895.

O estudo descritivo foi realizado em uma Instituição de Ensino Superior (IES) com sede em Brasília/DF, por meio de uma abordagem quantitativa. A pesquisa foi composta por alunos do curso de enfermagem que se encontravam em sala no momento da aplicação do questionário, aceitaram participar da pesquisa e assinaram o TCLE.

Para aquisição dos dados necessários à construção do presente estudo, foram solicitados formalmente autorização para aplicação do questionário, como critérios de inclusão os alunos de enfermagem que estivessem no campo de estágio ou que atuassem na área hospitalar, sendo os mesmos classificados enquanto fontes primárias.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário constituído por nove perguntas socioeconômicas e quatro perguntas sobre conhecimento dos profissionais em enfermagem no trabalho, sendo classificadas em violência/paciente, violência/funcionário e violência/instituição, se o indivíduo presenciou ou foi vítima de violência, totalizando treze perguntas.

Após aplicação do questionário, os dados pessoais foram transformados em códigos numéricos e as respostas dos graduandos em enfermagem atuantes na área de saúde foram submetidas a análises estatísticas divulgando o valor absoluto e o número relativo.

3. RESULTADOS

Foram entrevistados todos os graduandos de enfermagem que estavam em sala de aula no momento da aplicação e aceitaram participar da pesquisa assinando o TCLE, desde que se encaixassem nos requisitos exigidos da pesquisa, totalizando 51 questionários respondidos sobre o conhecimento dos graduandos em enfermagem sobre violência.

A tabela 1 mostra que a maioria dos participantes foi do sexo feminino, tinham entre 18 a 24 anos, estavam solteiros, sem filhos, e ainda são estagiários.

Tabela 1 - Distribuição das características sócio demográficas dos graduandos de enfermagem que atuam ou atuaram no âmbito hospitalar, 2014. (N = 51).

Sexo	n	%
Feminino	48	64,7%

Masculino	3	35,3%
Idade	n	%
18- 24 anos	23	45,1%
25- 31 anos	18	35,3%
32- 40 anos	7	13,7%
41- 47 anos	3	5,9%
Estado Civil	n	%
Solteiro (a)	34	66,7%
Casado (a)	16	31,4%
Divorciado (a)	1	2,0%
Filhos	n	%
Sim	16	31,4%
Não	35	68,6%
Cargo	n	%
Empregado	18	35,3%
Estagiário	33	64,7%
Tempo de serviço dos empregados	n	%
6 meses a 3 anos	7	38,9%
3 anos a 6 anos	5	27,8%
6 anos a 9 anos	3	16,7%
9 anos a 12 anos	1	5,6%
12 anos a 15 anos	1	5,6%
15 anos a 17 anos	1	5,6%
Valor do salário	n	%
Até R\$1.500,00	9	50,0%
R\$1.600,00 a R\$3.000,00	8	44,4%
Acima de R\$3.000,00	1	5,6%
Local de trabalho	n	%
Órgão público	8	44,4%
Órgão privado	10	55,6%
TOTAL	51	100%

FONTE: Produção dos autores.

O quadro 1 refere os dados de empregados de empresas públicas e privadas que foram presenciaram violência sendo que, destes 18 (total de trabalhadores), 87,5% presenciaram violência no hospital público e 12,5% foram vítimas de agressão no trabalho. Enquanto 30% presenciaram violência e 17% dos participantes não responderam se já presenciaram agressões.

Quadro 1 - Respostas sobre empregados de órgãos públicos e privados que presenciaram violência no trabalho.

	Presenciaram	%
Público	7	87,5

Privado	3	30,0
Não responderam	3	17

FONTE: Produção dos autores.

O quadro 2 apresenta respostas sobre os graduandos que estão empregados, onde 12,5% foram vítimas de agressão no trabalho. 40% foram vítimas nos órgãos privados.

Quadro 2 - Respostas sobre empregados que foram vítimas de violência no local de trabalho.

	Vítima	%
Público	1	12,5
Privado	4	40,0

FONTE: Produção dos autores.

O quadro 3 relata os dados sobre características quanto ao tipo de agressão que o funcionário pode sofrer no seu local de trabalho através do cliente, onde se verifica o predomínio de violência verbal (96,1%) e violência física (68,6%), em seguida da violência sexual (41,2%), apenas (2%) acham que nenhuma violência pode acontecer e (5,9%) não informaram sua opinião.

Quadro 3 - Distribuição das características relacionadas ao conhecimento dos graduandos de enfermagem quanto ao tipo de agressão que o funcionário pode sofrer através do paciente.

Tipo de agressão/ paciente	n	%
Verbal	49	96,1
Física	35	68,6
Sexual	21	41,2
Nenhuma	1	2,0
Não informaram	3	5,9

FONTE: Produção dos autores.

A tabela 2 apresenta variáveis estatísticas sobre os graduandos que atuam na área hospitalar, onde foram abordadas perguntas relacionadas a pessoas que já foram vítimas (41,9%) de algum tipo de violência e as que apenas presenciaram (61,3%).

Tabela 2 – Respostas das perguntas sobre violência analisando se os entrevistados (100%) foram vítimas ou presenciaram alguma agressão no seu local de trabalho.

	Presenciou	%	Vítima	%
Sim	18	35,3	13	25,5
Não	31	60,8	36	70,6
Não informaram	02	3,9	02	3,9
TOTAL	51	100	100	100

FONTE: Produção dos autores.

O quadro 4 relata os dados que foram questionados aos graduandos quanto ao tipo de agressão que o funcionário pode sofrer de outro funcionário do órgão em que trabalha, sendo classificadas como violência verbal, física, sexual, onde o graduando optou por mais de um tipo de violência.

Quadro 4 – Respostas dos graduandos de enfermagem relacionadas à percepção quanto ao tipo de agressão que o funcionário pode sofrer pelo colega de profissão.

Tipo de agressão/ Funcionário	n	%
Verbal	40	78,4
Física	30	58,8
Sexual	19	37,3
Não informaram	9	17,6

FONTE: Produção dos autores.

A tabela 3 expõe os dados que foram questionados aos graduandos, sendo avaliado se os mesmos supõem que o superior na equipe ou no trabalho pode usar seu poder hierárquico para realizar algum tipo de violência sobre seus subordinados.

Tabela 3. Variáveis relacionadas ao conhecimento dos graduandos em enfermagem quanto a violência realizada do superior para com seus subordinados no âmbito hospitalar.

Tipo de agressão/superior	n	%
Sim	23	31,4
Não	18	68,6
TOTAL	51	100

FONTE: Produção dos autores.

4. DISCUSSÃO

A população entrevistada é jovem, com idade entre 18 a 24 anos, (45,1%), refere que já sofreu algum tipo de violência no trabalho, refletindo o risco inerente a nossa profissão.

No presente estudo, nota-se que a presença de mulheres no setor de trabalho (64,7%), ainda gera resistência ao sexo oposto, aumentando as estatísticas de agressões. De acordo com Barbosa (2011), as mulheres são as mais afetadas, afinal, uma grande parte de profissionais de enfermagem é composta pelo sexo feminino, o que aumenta a probabilidade de violência masculina, e as deixa bastante fragilizadas e até incapacitadas de realizarem suas atividades cotidianas com eficácia, sendo considerada uma questão de gênero.

Segundo Carvalho (2010), ao avaliar a quantidade de enfermeiros existentes em 2005 e 2006 em algumas instituições da região Norte, fica explícito que 77,2 % são profissionais do sexo feminino, o que fortalece os resultados encontrados no decorrer da pesquisa.

Todos os participantes são de nacionalidade brasileira. O estado civil predominante é solteiro(a) 66,7%. De acordo com o perfil socioeconômico, 31,4% responderam que tem filhos, e 68,6% que não possuem filhos.

Do total de participantes deste questionário, 64,7% são estagiários e 35,3% são funcionários, 44,4% trabalham em locais públicos e 55,6% em órgãos privados. Conforme análise dos resultados, o maior índice de violência foi encontrado nos hospitais públicos, onde 87,5% dos entrevistados afirmaram ter presenciado e 12,5% disseram serem vítimas. Em questão quanto aos hospitais privados, 30% presenciaram e 40% afirmaram que foram vítimas de violência no trabalho.

Por outro lado, a análise de Azevedo e Araújo (2011) discorda da presente pesquisa, onde diz que a violência é mais evidenciada em empresas privadas, afinal, o trabalhador deste local não tem a mesma proteção que um funcionário público tem, o que o torna mais vulnerável e exposto aos ataques no seu âmbito de trabalho. A desvantagem do trabalho particular está relacionada à falta de estabilidade dentro da empresa. Ao contrário das vantagens de se trabalhar no órgão público, que oferece estabilidade ao seu funcionário e respaldo através do “Código penal - Lei 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 – art. 331: desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela: pena – detenção, de seis meses a dois anos, ou multa”, porém, poucos são os profissionais que seguem a lei e denunciam (BRASIL, 1940).

Para Carvalho (2010), a instabilidade no emprego privado aumenta o grau de insegurança e medo, deixando os profissionais reféns das situações de violência, afinal, não se tem nenhuma lei específica para os funcionários de hospitais privados.

O tempo de serviço da maioria dos funcionários pesquisados foi de seis meses a três anos, correspondente a 38,8% do total pesquisado. 50% responderam ter renda mensal até

R\$1.500,00 e 44,4% possuem renda mensal entre R\$1.600,00 a R\$3.000,00. Devido à semelhança dos dados, não obteve diferenciação dos salários recebidos pelos funcionários.

Acerca do conhecimento dos graduandos em relação à violência com o paciente, 96,1% acreditam que a violência verbal é o tipo em que o profissional está mais susceptível, logo em seguida, a física com 68,6%. Outros participantes responderam que 41,2% é o risco dos profissionais de enfermagem sofrerem violência sexual, 5,9% não informaram o tipo de violência e apenas 2% responderam que o trabalhador não sofre nenhuma. Ao ser avaliado todos esses dados, o entrevistado tem a liberdade de escrever quais os tipos de violência podem ser mais comuns, daí explica-se a variação de valores.

Ao questionar se o graduando já foi vítima ou já presenciou algum tipo de violência, 35,3% responderam que sim, que presenciaram agressões e 60,8% afirmaram não ter presenciado. Já 25,5% foram vítimas, porém, 70,6% não foram vítimas e 3,9% não informaram se foram vítimas ou se presenciaram alguma agressão. De acordo com os dados de Carvalho (2010) a maioria dos enfermeiros (57,4%) nunca presenciou algum tipo de violência relacionado aos colegas de trabalho, reafirmando os valores evidenciados através da pesquisa com os graduandos.

Caran et al (2010), ao questionar 54 indivíduos em sua pesquisa sobre “você acredita que já tenha sido vítima deste problema (violência)”, 40,7% afirmaram serem vítimas, porém, os outros representantes da pesquisa responderam que não sofreram e 18,6% disseram que talvez já tivessem sido vítimas. Pelo fato dos dados da presente pesquisa, com os dados citados acima, à percepção é que, por se tratar de um assunto pouco comentado e por trazer inúmeras discussões, os participantes das pesquisas supostamente omitiram as respostas, mesmo se tratando de uma pesquisa onde apenas os pesquisadores e a instituição teriam acesso aos dados. Nota-se também que a percepção dos entrevistados não é o suficiente para identificar a violência sofrida no local de trabalho.

Em relação a violência contra os funcionários 78,4% supõem que a violência verbal é a mais comum, 58,8% disseram ser violência física, 37,7% são as chances de sofrer violência sexual e 17,6% responderam nenhum tipo de violência. De acordo com os resultados, fica evidente que 41,9% poderão sofrer algum tipo de agressão. Ao analisar o estudo de Fontes (2011), fica evidente que a violência verbal é a mais comum entre os colegas de profissão, onde alguns justificam suas atitudes como uma forma de defesa.

Segundo Caran et al (2010), ao perguntar sobre violência entre colegas de profissão, os participantes se sentiram mais confortáveis ao responder a pergunta, onde 59,3%

afirmaram que tinham conhecimento de pessoas que sofreram violência de empregados da mesma classe. Houve uma pequena diferenciação de valores ao comparar as pesquisas, porém, pouco significativa o que novamente deixa evidente que os profissionais não têm uma percepção adequada para definir o que é violência propriamente dita.

Quanto à chance de sofrer violência de algum superior no local de trabalho 68,6% responderam que não existe essa possibilidade e 31,4% dos entrevistados responderam que existem sim agressões sofridas por aqueles que abusam do poder hierárquico em seu local de trabalho.

De acordo com Carvalho (2010), os empregados não podem confundir violência verbal com dificuldades que surgem no trabalho, pois no caso do superior hierárquico, ele está ali para exigir produtividade, estabelecer ordens e designar tarefas para uma equipe e não deve ser considerado como violência, pois o assédio vai muito além, é necessário humilhações repetitivas e falta de respeito contínua e que ao ser comparado com a presente pesquisa, surge a dúvida de que os empregados não tem noção ou tempo suficiente no âmbito hospitalar para afirmarem que não tem chance de sofrer violência de seus superiores.

Há uma controvérsia ao ser comparado com o estudo de Barbosa (2011), onde enfermeiras afirmaram que as agressões mais sofridas no decorrer de sua profissão foram de seus superiores.

Segundo Fontes, Peloso, Carvalho (2011):

Contudo, não bastam medidas individuais. Instituições de saúde podem e devem se empenhar na criação de medidas de prevenção, contenção e intervenção para este tipo de violência, na perspectiva da construção de um ambiente de cuidado mais ético, humanizado e, conseqüentemente, mais saudável.

Os danos causados aos profissionais que foram agredidos no âmbito hospitalar devem ser levados em consideração e conseqüentemente alguma decisão deve ser tomada, porém a falta de assistência faz com que o acolhimento ao violentado seja deficiente, tanto para apoio emocional, como para o registro de ocorrência (VIEIRA et al, 2009).

5. CONCLUSÃO

Diante do resultado encontrado, ao questionar sobre o conhecimento da violência cometida por pacientes ou acompanhantes, a violência verbal foi a mais evidenciada. De acordo com os resultados, o funcionário pode sofrer violência, sendo mais provável de ocorrer, a violência verbal. Os participantes consideram mais corriqueiro sofrer violência dos pacientes do que de seu superior.

O estudo em geral, mostra que, independente do cargo (estagiário ou empregado), ambas as partes podem sofrer violência, porém os dados mostram que os estagiários foram os mais afetados.

Conforme os resultados avaliados nesse estudo, nota-se que a maioria dos entrevistados não se sentiu a vontade o suficiente para responder o questionário, ou até mesmo por falta de conhecimento sobre os tipos de violência e qual o tipo pode ser mais comum no local de trabalho. Há necessidade dos profissionais de enfermagem se conscientizarem e lutarem por seus direitos, seja por meio de novas pesquisas e aprofundamento dos casos ou da implantação de medidas quanto à prevenção, proteção e reabilitação da saúde do trabalhador diante das agressões sofridas no ambiente hospitalar, com o intuito de amenizar as agressões sofridas no local de trabalho.

Percebe-se que a violência cresce drasticamente no Brasil e com o passar dos anos está cada vez mais crítico, onde a sociedade vira refém de agressores, daí, observa-se a necessidade de ser discutido entre docentes e discentes em algum momento da sua graduação sobre o respectivo assunto, orientando essas pessoas de como acontece, o que deve ser considerado uma agressão, quais decisões tomar caso aconteça alguma violência e incentivar os profissionais a tomarem providências para evitar adoecimentos que possam aparecer após longos períodos de agressão.

Conforme a complexidade do tema e por interferir no adoecimento desses empregados, deve ser oferecido um suporte para esses profissionais na empresa em que presta serviços, levando em conta, que isso afeta o comprometimento do indivíduo e favorece o adoecimento mental, o que futuramente irá gerar gastos e um determinado período de tempo do trabalhador afastado do emprego.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. L.; ARAÚJO S. T. C. **O assédio moral no trabalho de enfermagem: um risco invisível, porém existente.** 14 f. Pós-graduação Lato-Sensu em Enfermagem do Trabalho – Curso Razão, Faculdade Redentor, Itaperuna, fev. 2011.
- BARBOSA, R. et al. Violência psicológica na prática profissional da enfermeira. **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 26-32, mar. 2011.
- BRASIL. Código penal artigo 331 – **Decreto lei número 2.848 em 07 de Dezembro de 1940.** Disponível em: <www.jusbrasil.com.br/topicos/10597475/artigo-331-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em 02 jun. 2015.
- CARAN, V. C. S.; SECCO, I. A. O.; BARBOSA, D. A.; ROBAZZI, M. L. C. C. Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 737-744, jun. 2010.
- CARVALHO, G. D. MOBBING: Assedio moral em contexto de enfermagem. **Revista investigação em enfermagem**, LOCAL, n.21, p. 28-42, fev. 2010.
- DIONÍSIO, S. D. Violência no trabalho: Assédio moral e sexual. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região**. Campinas, n. 37, p. 1-15, jun. 2010.
- FONTES, K. B.; PELLOSO, S. M.; CARVALHO, M. D. de B. Tendência dos estudos sobre assédio moral e trabalhadores de enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 32, n.4, p. 815-822, dez. 2011.
- GADONI-COSTA, L. M; ZUCATTI, A. P. N.; DELL'AGLIO, D. D. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 219-27, abr./jun. 2011.
- ILHA, M. M; LEAL, S. M. C; SOARES, J. dos S. F. Mulheres internadas por agressão em um hospital de pronto socorro:(in) visibilidade da violência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 31, n. 2, p. 328-34, jun. 2010.
- Organization Mundial de La salud. **Informe mundial sobre la violencia y salud: resumen.** Washington, 2002.
- VASCONCELLOS, I.R.R de; ABREU, Â.M.M; MAIA, E. de L. Violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem do serviço de pronto atendimento hospitalar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 33, n.2, p. 167-175, jun. 2012.
- VIEIRA, E. M. et al. Conhecimento e atitudes dos profissionais de saúde em relação à violência de gênero. **Revista brasileira de epidemiologia**, São Paulo, v. 12, n.4, p. 566-577, set. 2009.

ANEXOS:

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

1) Idade:
2) Sexo:
3) Nacionalidade:
4) Estado Civil:
5) Possui filhos?
6) Trabalha na área de saúde ou só faz estágio? () funcionário () estagiário
7) Tempo de serviço?
8) Valor em média do salário?
9) Local de trabalho?

PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS EM ENFERMAGEM SOBRE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE DE TRABALHO HOSPITALAR.

1) A violência pode ser definida em verbal, física e sexual. Que tipo de violência relacionada ao paciente você acha que pode sofrer?

2) Você já foi vítima ou já presenciou algum tipo de violência? Justifique especificando qual o tipo e se foi a vítima, o agressor ou que tenha apenas presenciado o caso.

3) Em relação ao seu conhecimento quanto à violência, o funcionário em seu âmbito de trabalho pode sofrer que tipo de violência?

4) Você já vivenciou algum caso em que o superior do setor usou seu poder hierárquico para realizar violência com os profissionais de enfermagem?
